

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Janaina Pedrosa de Souza

**ESPAÇO FÍSICO E O DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO E SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte

2012

Janaina Pedrosa de Souza

**ESPAÇO FÍSICO E O DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO E SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Dr. José Simões de Almeida Junior

Belo Horizonte
2012

Janaina Pedrosa de Souza

**ESPAÇO FÍSICO E O DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO E SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Dr. José Simões de Almeida Junior

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

José Simões de Almeida Júnior – FaE / UFMG

Lívia Maria Fraga FaE / UFMG

RESUMO

O projeto de intervenção foi realizado numa instituição pública de Educação Infantil com crianças, mais especificamente uma turma com a idade de 4 (quatro) anos, com o objetivo de refletir acerca dos modos de interação das crianças com o espaço físico da sala de aula. Discuti-se a importância do espaço físico, não somente como um espaço vazio e sem interferência no desenvolvimento cognitivo e social da criança, mas como instigador para a construção e aprendizagem do conhecimento pela criança. Esta pesquisa foi realizada baseada em revisão bibliográfica, considerando pesquisadores como: Horn (2004), Zabalza (1998), Edwards, Gandini, Forman (1999), os quais discutem a importância do espaço no desenvolvimento infantil e como ele é percebido e utilizado pelas crianças. O resultado do projeto de intervenção foi a percepção por parte das crianças do espaço da sala de aula como um lugar de possibilidades, promotor da autonomia e aprendizagem.

Palavras-chave: Espaço, Espaço escolar, Educação Infantil, Interação, aprendizagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – MINHAS PERCEPÇÕES DO ESPAÇO E DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	6
1.1. A UMEI e as Crianças (Contextualização).....	10
1.2. Pensando Sobre o Espaço (Fundamentação Teórica)	13
1.3. Os “cantos” como proposta pedagógica	16
2. A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO NA TURMA DE 4 ANOS (METODOLOGIA / DESENVOLVIMENTO	19
2.1. Planejamento.....	19
2.2. Cronograma de Atividades / “Desafio do Dia”	20
2.3. Implementação e Observação	21
2.4. Avaliação	21
2.5. Iniciando a Prática	22
3. CONCLUSÃO	37
4. REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO – MINHAS PERCEPÇÕES DO ESPAÇO E DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Sou Janaina Pedrosa de Souza, educadora da Rede Municipal de Belo Horizonte, atualmente nas UMEIs Heliópolis e Ouro Minas. Minha trajetória profissional iniciou-se em 1999, na Rede Particular de Belo Horizonte, inicialmente em uma escola que atendia crianças de 3 (três) a 6 (seis) anos em horários parciais onde permaneci por aproximadamente 1 ano e logo após em uma creche, conveniada com a Prefeitura, que atende crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos em horário integral onde atuei como Educadora Infantil durante 5 anos. Em 2007, ingressei na Rede Municipal onde atuo desde então como educadora na UMEI Heliópolis e como coordenadora pedagógica na UMEI Ouro Minas.

Tenho um verdadeiro encantamento pela educação. Desde bem pequena, ainda quando brincava com minhas amigas de infância, já demonstrava sinais deste encantamento em minhas brincadeiras que normalmente eram de escolinha. A partir do momento em que pude exercer a profissão houve de fato a confirmação desta paixão.

Durante estes anos de experiência profissional, pude perceber muitas vivências da educação, do âmbito escolar, das pessoas, das propostas pedagógicas e dos espaços destinados a todo universo da educação. Inicialmente não conseguia perceber esse espaço da escola com a importância que ele realmente tem. Apenas como um espaço seguro para abrigar crianças durante um determinado tempo do dia. Com o passar dos anos e a experiência com as crianças, pois elas nos mostram o que realmente importa para seu aprendizado, fui percebendo que esse espaço contribuía com as práticas pedagógicas da sala e da escola. A disposição dos móveis, o destino dado às paredes, ao teto, às janelas, aos corredores, tudo poderia de alguma forma contribuir com o aprendizado das crianças. Mas durante algum tempo apenas utilizei esse espaço com poucas contribuições, um mural, um varal de atividades, móveis no teto, enfim apenas como um local onde a criança poderia observar e aprender com aquilo alguma coisa.

A prefeitura de Belo Horizonte manteve durante aproximadamente 3 anos, uma parceria com a Itália, mais especificamente uma troca de experiências com as

escolas de *Reggio Emília*¹. Durante esses anos houve visitas de ambas as partes para um melhor entendimento da proposta pedagógica das duas cidades. Houve também vários encontros na cidade de Belo Horizonte, entre eles seminários com a presença de representantes das escolas de *Reggio Emília* e alguns educadores da Rede Municipal de Belo Horizonte. Tive a oportunidade de participar de dois deles e conhecer um pouco do trabalho realizado com as crianças desta região da Itália, que é considerada modelo em educação de crianças de até 6 (seis) anos de idade. Durante esses momentos e a leitura feita deste trabalho, me chamou atenção a importância, digo melhor o reconhecimento, dado aos espaços destinados à educação das crianças. Um espaço onde não somente abriga a crianças no tempo de educação, mas, que também faz parte desse processo de construção do conhecimento. Meu olhar, desde então, mudou em relação ao destino dado aos espaços da escola, ao espaço da sala onde atuo. Mudanças que posso considerar hoje ainda pequenas.

No Brasil, a Constituição Federal (1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB (1996), consagram o direito da criança pequena à educação. Educação esta que, inicialmente, era ofertada apenas a um grupo social específico e, posteriormente, passou a ser vista como a solução para mulheres trabalhadoras que ganharam o direito de ter um lugar para deixar suas crianças enquanto trabalhavam. Houve, então, a necessidade da criação de um espaço específico para atender a esse público, o espaço da escola. Inicialmente, foram adaptados espaços para esse atendimento, muitas vezes, casas já construídas e que se transformaram em escolas. Com o passar dos anos e com o olhar voltado para um atendimento de qualidade e para a educação, criaram-se espaços adequados a esse grupo de idade, as instituições de Educação Infantil. Na cidade de Belo Horizonte, as Unidades Municipais de Educação Infantil, UMEI's, foram planejadas para atender a esse público ainda tão pequeno. Crianças de 0 a 6 anos de idade, desde 2004, conquistaram o direito de terem um local onde pudessem crescer e se desenvolver convivendo com seus pares de idade. Os espaços foram pensados para que haja

¹ Reggio Emília, uma cidade ao norte da Itália, com um histórico de 30 anos de dedicação e pesquisa sobre a Educação Infantil.

convivência entre as crianças das diferentes idades (*hall* de entrada, parque, refeitório, sala multiuso) e crianças da mesma idade (sala de atividades). Mesmo com todo esse cuidado em atender bem essa faixa etária, percebe-se que muitos são os problemas existentes nesse espaço, tanto na sua infraestrutura quanto na função que para ele é destinado. A UMEI Heliópolis, situada na região norte de Belo Horizonte, atende atualmente cerca de 250 crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos nos turnos da manhã e da tarde e em horário integral. O espaço físico da escola é composto por 8 salas de atividades, uma sala multiuso, um refeitório, dois pátios. Atualmente, o uso dos espaços é bem específico para suas “funções”. Na rotina, as crianças chegam à escola e utilizam o *hall* de entrada para um momento de socialização entre todas as turmas, depois se dirigem para as salas destinadas a cada grupo de idade, onde permanecem em suas atividades até o momento em que saem, em seus respectivos horários, para o lanche, almoço/jantar no refeitório e parquinho no pátio. A sala multiuso é utilizada também em seus respectivos dias e horários pré-determinados. Poucas são as oportunidades de utilização dos espaços com propostas diferenciadas, como o uso do refeitório ou do pátio para uma atividade ou o uso da sala multiuso para outras funções que não assistir à televisão e a vídeos. Percebe-se também pouco aproveitamento, por parte dos educadores, dos diferentes espaços da escola.

A cidade de *Reggio Emilia* na Itália tornou-se, ao longo dos anos, uma referência em educação de crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos de idade. Este título deve-se a Loris Malaguzzi, um intelectual e jovem professor italiano que interessou-se pela construção de uma nova escola logo após a Segunda Guerra Mundial. Malaguzzi transformou sua paixão momentânea por um amor vitalício por seus pequenos alunos, tornado-se, posteriormente, no condutor de *Reggio*, o pensador. Em sua proposta de educação, a valorização do espaço tem destaque na construção/apropriação do conhecimento das crianças. No livro *As cem linguagens da criança*, Edwards, Carolyn, Gandini, Lella e Forman, George, 1999, Malaguzzi diz sobre o espaço: “Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as

idéias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele” (Malaguzzi, 1984,p.157).

A discussão sobre a importância do espaço também pode ser vista no artigo de Vera Lúcia Costa Hank, O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança, 1996. Segundo Hank, “Buscando uma perspectiva de sucesso para o desenvolvimento e aprendizagem do educando no contexto da educação infantil o espaço físico torna-se um elemento indispensável a ser observado. A organização deste espaço deve ser pensada tendo como princípio oferecer um lugar acolhedor e prazeroso para a criança, isto é, um lugar onde as crianças possam brincar, criar e recriar suas brincadeiras sentindo-se assim estimuladas e independentes. Diferentes ambientes se constituem dentro de um espaço.” (1996)

A partir destas discussões sobre a importância do espaço na Educação Infantil, percebe-se que, no cotidiano da UMEI Heliópolis, ainda não é visto um amadurecimento de todos os envolvidos no ato de educar, em relação a percepção da parceria existente entre espaço/aprendizagem. A valorização das construções das crianças é vista muitas vezes nas paredes, corredores, teto, mas, percebe-se que essa exposição dos trabalhos torna-se mesmo, apenas uma exposição. A construção do conhecimento, passo a passo, percebida pela criança ou grupo de crianças, ao utilizar as paredes, corredores, teto e demais espaços da escola, como meio de registro das suas descobertas, não é percebida como o objetivo dessa ação.

Diante de tal fato, percebe-se a necessidade de um conhecimento mais aprofundado sobre o espaço na Educação Infantil, proporcionado uma futura intervenção na utilização dos espaços da UMEI Heliópolis, a fim de ressignificá-los.

Faz-se necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, sobre essa visão do espaço, para que eu possa me apropriar melhor e torná-lo verdadeiramente um segundo educador nas minhas propostas pedagógicas.

Para a realização da pesquisa, que envolve observação e proposição de uma interferência/intervenção pedagógica, será observado mais de perto um grupo de crianças de 4 (quatro) anos do turno da tarde.

O interesse em conhecer uma problemática necessita de uma forma de fazê-lo, ou seja, um método. Esse mesmo método determinaria a melhor forma para se atingir o objeto estudado, a partir de conhecimentos científicos que garantam a ele uma confiabilidade dos resultados finais.

LAKATOS & MARCONI (2001) definem método como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que favorecem o alcance de objetivos, traçando o caminho a ser trilhado, detectando possíveis erros e auxiliando na tomada de decisões do pesquisador.

Dessa forma esta pesquisa será realizada baseada a partir de uma revisão bibliográfica, considerando o que dizem sobre a relação do espaço e o desenvolvimento infantil, alguns dos principais referenciais teóricos.

A pesquisa objetiva um reconhecimento dos espaços destinados à educação das crianças como parte integrante do processo de construção do conhecimento, promovendo, um novo olhar sobre o espaço e em todos os envolvidos no ato de educar, proporcionando aprendizagens às crianças, oportunizando uma reorganização/ressignificação dos espaços na UMEI Heliópolis e oportunizando vivências de observação/significação do espaço às crianças.

1.1. A UMEI e as Crianças (Contextualização)

A UMEI Heliópolis, situada na região norte de Belo Horizonte, atende atualmente cerca de 250 crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos, turnos manhã, tarde e integral. O atendimento é dividido da seguinte forma: manhã, de 7:00 às 11:30, tarde, de 13:00 às 17:30, e integral, de 07:00 às 17:30. As crianças dos horários parciais têm entre 3 (três) e 6 (seis) anos de idade e as crianças do horário integral têm entre 0 (zero) a 2 (dois) anos de idade. Atualmente a UMEI tem um quadro de turmas com 1 berçário, 1 turma de 1 (um) ano, 1 turma de 2 (dois) anos, 2 turmas de 3 (três) anos, 4 turmas de 4 (quatro) anos, 3 turmas de 5 (cinco) anos e 1 turma flexível de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos. O espaço físico da escola destinado às crianças é composto por 8 salas de atividades, uma sala multi-uso, um refeitório e

dois pátios. O quadro de profissionais é de um vice-diretor, 2 coordenadoras pedagógicas, 1 secretária, 31 educadoras em horários manhã, tarde e intermediários, 9 auxiliares de serviço, 2 porteiros e 2 vigias.



UMEI Heliópolis

A UMEI tem uma proposta pedagógica baseada no desenvolvimento global da criança pequena com a participação constante da família. As atividades pedagógicas são desenvolvidas tendo como base essa visão de atendimento, e se destacam os projetos de trabalho desenvolvidos de acordo com os temas propostos para o ano.

Na rotina, as crianças chegam e utilizam o hall de entrada (Figura 1) para um momento de socialização entre todas as turmas, depois se dirigem para as salas (Figura 2) destinadas a cada grupo de idade, onde permanecem em suas atividades até o momento em que saem, em seus respectivos horários, para o lanche, almoço/jantar no refeitório (Figura 3) e parquinho no pátio (Figura 5 e 6). A sala multiuso (Figura 4) é utilizada também em seus respectivos dias e horários predeterminados.



Figura 1 – Hall de entrada



Figura 2 – Sala de atividades



Figura 3 – Refeitório



Figura 4 – Sala Multiuso



Figura 5 – Pátio



Figura 6 – Pátio

O grupo que será observado será uma turma de 20 crianças com a idade entre 4 (quatro) a 5 (cinco) anos, frequentes no turno da tarde, horário de 13:00 às 17:30 h. Uma turma, em sua grande maioria, de crianças novatas na escola e muitas delas novatas também em uma instituição de educação. Nesta turma há duas crianças de inclusão, uma com laudo médico de autismo e a outra, ainda sem laudo, mas com fortes indícios de hiperatividade. A turma é acompanhada por duas educadoras sendo uma referência, com uma permanência na sala de 3 horas e 30

minutos diários e uma educadora apoio, com uma permanência na sala de 1 hora diária. Atualmente as crianças de inclusão receberam uma estagiária para acompanhá-las durante o período de permanência na escola. As crianças observadas apresentam-se muito ativas durante todo o período de permanência na escola, demonstram ser bastante observadoras e ligadas em tudo que acontece na sala e fora dela. A curiosidade sobre todos os assuntos pode ser considerada marca registrada da turma, por isso sempre sabem dizer algo sobre os assuntos gerais dentro e fora da escola. Na hora das conversas/discussões em grupo, sempre têm opinião pra dar fazendo importantes associações com os acontecimentos que escutaram de jornais, televisão, em casa e na rua. A rotina da turma baseia-se na rotina da escola, ocorrendo em alguns momentos mudanças, muitas vezes devido a algum projeto desenvolvido pela educadora referência.

1.2. Pensando Sobre o Espaço (Fundamentação Teórica)

Pensar o espaço como uma possibilidade de convivência e aprendizado é relativamente novo na educação. Segundo Zabalza, Miguel A (1998),

“Sem chegar a constituir uma descoberta de última hora, não há dúvida que o tema dos espaços é uma novidade na educação. E o é ainda mais no âmbito da Educação Infantil. Com a chegada dos “cantos” e a organização funcional das salas de aula aconteceu uma verdadeira revolução na forma de conceder uma aula de Educação Infantil e na forma de organizar o trabalho na mesma.” (229 p.)

Perceber esse espaço como parte integrante do processo de construção do conhecimento por parte das crianças pequenas, tem se tornado um caminho para professores da Educação Infantil compreenderem a evolução cognitiva e social das crianças e como consequência tornado linha de pesquisa para muitos autores.

A discussão sobre a importância do espaço tem grande influência nas teorias de três dos principais pensadores sobre o desenvolvimento infantil. Horn (2004) exemplifica o pensamento de Piaget sobre a valorização das primeiras experiências sensoriais na casa e na escola como fatores essenciais do desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo.

Segundo Piaget (1978), a representação do espaço para a criança é uma construção internalizada a partir das ações e das manipulações sobre o ambiente espacial próximo do qual ela faz parte.

Portanto, criar um espaço organizado e desafiador para a criança torna-se essencial para o desenvolvimento infantil, mas é preciso que tais estímulos promovam uma real interação com a criança para que haja um verdadeiro desenvolvimento.

Horn (2004) ainda exemplifica os pensamentos de Wallon (1989) e Vygotsky (1984) sobre a importância do espaço no desenvolvimento infantil. Na abordagem de Wallon, o conceito de meio e suas implicações no desenvolvimento infantil são fundamentais. Conforme Wallon, qualquer ser humano é biologicamente social desde seu nascimento. Por conseguinte, deve adaptar-se ao meio social, no qual todas as trocas produzidas são a chave para as demais.

Em razão disso, o espaço escolar assume uma importância significativa, assim como o papel do grupo, podendo-se inferir que os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois, conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos.

Segundo a abordagem de Wallon entende-se que o espaço destinado às crianças torna-se uma construção social, onde os parceiros sociais desempenham papéis desafiadores.

A escola, além da casa, torna-se um espaço muito apropriado para essa construção, por apresentar uma grande diversidade de estímulos e experiências para a criança. Vygotsky também discute a interação da criança com o espaço. Em sua perspectiva, o desenvolvimento das funções tipicamente humanas é mediado socialmente pelos signos e pelo outro.

Desse modo, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo; é ao contrário, um sujeito ativo que, em interação com o meio social, constrói e reconstrói o mundo em uma relação dialética.

Segundo a abordagem de Vygotsky, quanto mais estimulante e desafiador for o espaço que a criança estiver inserida, mais ela se desenvolverá. Segundo as

abordagens de três importantes pesquisadores sobre o desenvolvimento infantil, pode-se afirmar que o espaço tem grande influência nesse processo.

As instituições de Educação Infantil e seus professores adquirem grande responsabilidade na educação de crianças pequenas. O espaço que para as escolas antes era visto apenas como um local onde pudessem abrigar as crianças com conforto, agora torna-se um aliado em seu desenvolvimento. Horn (2004) consegue dizer bem sobre a influência do espaço físico no desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos, bem como as interações entre os pares e o papel do educador nos espaços oferecidos para a criança:

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado (2004, pag. 28).

A experiência das escolas da cidade de Reggio Emília, na Itália, permite-nos visualizar a concretização das teorias sobre a importância do espaço no desenvolvimento infantil.

Loris Malaguzzi, seu idealizador e fundador, inspirado nas teorias de Froebel, Montessori, Dewey e Piaget², criou um sistema de ensino no qual o potencial intelectual, emocional, social e moral de cada criança é cuidadosamente cultivado e orientado, e em que se reconhece a influência do espaço no desenvolvimento infantil. Para Malaguzzi:

O ambiente é visto como algo que educa a criança; na verdade, ele é considerado o “terceiro educador”, juntamente com a equipe de dois professores. A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação freqüente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento. (1999, pag. 157)

² Importantes pensadores sobre o processo de desenvolvimento da educação.

Reconhecer que a criança é fortemente marcada pelo lugar em que se desenvolve, e que ela também deixa suas próprias marcas nesse lugar, é reconhecer que o espaço infantil se torna a história da criança em todo seu contexto e que ele promove a troca de saberes entre elas.

O educador, portanto, não deve ser visto como figura central do processo de ensino aprendizagem, mas sim como alguém mais experiente que aprende e permite ao educando aprender de forma lúdica. A criança, por meio de suas interações com o meio seja em um trabalho individual ou coletivo, é a verdadeira construtora do seu conhecimento.

Os espaços, então, devem ser construídos para as crianças e com as crianças de modo que possam ser explorados por elas em uma relação de interação total, de aprendizagem, de troca de saberes entre os pares, de liberdade de ir e vir, de prazer, de individualidades, de partilhas, enfim, de se divertir aprendendo.

1.3. Os “cantos” como proposta pedagógica

Um olhar sobre o espaço principalmente na Educação Infantil, tem forte influência na pesquisa feita sobre o valor pedagógico destinado aos “cantos”, pequenos espaços dentro de um contexto que possibilitam experiências individualizadas ou de pequenos grupos de crianças no ambiente da sala de aula e da escola. Segundo Horn (2004), com os “cantos”, os procedimentos e as técnicas de ensino se tornam mais flexíveis, abertos e dinâmicos, favorecendo a exploração ativa do ambiente escolar. Este é um fazer pedagógico que possibilita o descentramento da figura do adulto, levando em consideração as necessidades básicas e as potencialidades das crianças.

Historicamente as instituições de educação tinham como prática organizar a sala de aula e a escola como um todo, de forma que pudessem exercer domínio sobre os educandos. As crianças não tinham autonomia suficiente para construir seu conhecimento sem a presença constante de um adulto, considerado nesses aspectos como o detentor de todo o conhecimento necessário a elas. A falta de maturidade para reconhecer, investigar e aprender sobre um assunto era considerada característica infantil.

Como consequência a Educação Infantil herdou essa forma de ver a educação de crianças. Por muito tempo aos profissionais que atuavam com crianças de 0 a 6 anos de idade era exigido apenas um conhecimento sobre os cuidados básicos de higiene e saúde e gostar de crianças, e nos tempos que não eram exigidos cuidados específicos zelar pela integridade física das mesmas enquanto brincavam com brinquedos oferecidos a elas.

Com o passar dos anos a herança da escolarização de crianças, atingiu também a Educação Infantil. Escolas foram adaptadas de forma que pudessem inserir conhecimento aos pequenos, as chamadas pré-escolas, mas sem o cuidado de verdadeiramente oferecer um ensino pautado nas necessidades de crianças dessa idade.

Os “cantos” foram percebidos como estratégia de construção do conhecimento pelos alunos a partir da necessidade histórica de oferecer um atendimento de qualidade e adequado às especificidades deste grupo de idade.

A atuação do professor nesta concepção de ensino aprendizagem torna-se primordial. Horn (2004), ao observar uma escola de Educação Infantil em Porto Alegre, em um curso de formação de professores, faz o seguinte questionamento: Será que a transformação do espaço modifica a ação pedagógica dos professores ou ocorre o inverso? Tal questionamento se deu ao observar que em um mesmo prédio parecia existir duas escolas diferentes. Uma que organizava as salas de aula de forma que a figura do professor era central e todas as ações dependiam dele e outra que o espaço da sala de aula era organizado a fim de proporcionar um ambiente de interação e possibilidades entre todos os envolvidos no ato de educar, crianças e adultos, utilizando os “cantos”.

Estar em uma instituição que atende crianças tão pequenas é estar em um ambiente vivo, cheio de experiências e descobertas diárias. Assim, a vivência entre criança e adulto, criança e criança e homens e espaço, é baseada em trocas. O homem ao utilizar o espaço estabelece uma relação com ele e esse uso o altera. A ação pedagógica pode ser modificada a partir da transformação do espaço e também pode transformar o espaço. Ao professor cabe a sensibilidade de perceber

as necessidades do grupo de crianças que acompanha, significando o espaço e sua ação pedagógica a partir da troca diária.

Organizar os espaços da Educação Infantil em “cantos” é promover experiências ricas de conhecimento e interação, visto que os “cantos” são espaços móveis e por isso se formam a partir de inúmeras possibilidades.

A forma como organizamos a sala de atividades e os demais espaços coletivos da escola, possibilita ou inibe as interações sociais. A estrutura arquitetônica criada pela Prefeitura de Belo Horizonte para atender crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos de idade foi planejada para suprir as necessidades básicas desse grupo de idade. Se pensarmos em antigas construções, as atuais conseguem atender às necessidades das crianças, mas se analisarmos com um olhar voltado para as inúmeras possibilidades que o espaço oferece, muito ainda pode ser aprimorado nas futuras construções, tanto no ponto de vista físico quanto do seu mobiliário. Pode-se citar o tamanho destinado às salas de atividades e o seu mobiliário.

As salas têm cerca de 32m (UMEI padrão) com aproximadamente 5 a 6 jogos de mesa, dependendo da turma que ocupa aquela sala, com 4 cadeiras cada um e uma mesa para professora. A sala observada no UMEI Heliópolis segue o tamanho padrão com 5 jogos de mesa e dois armários de aço, nesta sala não tem a mesa da professora.

Percebe-se que, organizar a sala em “cantos” torna-se difícil. As mesas e armários ocupam toda a área da sala, e para que as crianças possam permanecer confortáveis durante suas atividades foi necessário distribuí-las desta forma, não sobrando outros espaços como recurso. As crianças permanecem em pequenos grupos.

A experiência vivida na turma de 4 (quatro) anos da UMEI Heliópolis, me fez enxergar a necessidade de maior aproveitamento do espaço disponível e começar a criar estratégias, junto com as crianças, para uma melhor convivência e aprendizado de todos.

2. A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO NA TURMA DE 4 ANOS (METODOLOGIA / DESENVOLVIMENTO)

O projeto elaborado utiliza como base metodológica a pesquisa-ação no qual se busca aprimorar a prática pela ação de investigar e refletir acerca do fazer.

Segundo Tripp “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (2005, p446).

Desse modo, o projeto teve como ponto de partida a minha prática e minha experiência na observação do espaço escolar. A proposta se divide em quatro etapas:

2.1. Planejamento

Para melhor compreender a interação das crianças com o espaço, optei por observá-las em atividades livres no cotidiano da sala de aula e atividades sistemáticas, pré-estabelecidas pela educadora e também pelas crianças, nomeadas como “desafios do dia”. Como forma de registro das observações e futuras conclusões acerca da apropriação do espaço pelas crianças, foram utilizados os recursos de fotografias de todas as etapas dos “desafios do dia” e registros das falas e ações das crianças.

Os “desafios” eram propostos de acordo com a rotina do dia, podendo ou não ser executados em dias consecutivos, mas em uma sequência didática onde as crianças pudessem perceber e se apropriar do espaço da sala de aula de forma gradativa.

2.2. Cronograma de Atividades / “Desafio do Dia”

DIA	ESPAÇO	INTERVENÇÃO	REGISTROS
	Sala de atividades	Observação/ sensibilização da sala de atividades com foco na distribuição das mesas e cadeiras.	Desenhos das crianças da reorganização do espaço. Fotografias da atual e da nova organização.
02/09 05/09 06/09		1 dia – estratégias de disposição com o objetivo de todos se verem. 2 dia – estratégia de disposição com o objetivo de que a professora possa ver a todos de frente. 3 dia – observação dos lugares que possibilitem se esconder.	Registros escritos da pesquisadora sobre as estratégias utilizadas para a proposta. Registros escritos da pesquisadora das falas das crianças.
	Sala de atividades	Observação/sensibilização da sala de atividades com foco nas relações sociais.	
08/09 09/09		1 dia – estratégia de disposição com o objetivo de criar novas possibilidades de convivência. 2 dia – estratégia de organização das mesas onde todos possam ficar juntos.	
12/09	Sala de atividades	Observação dos lugares que possibilitam ver além da sala, o que as crianças conseguem ver.	Registros escritos da pesquisadora sobre as descobertas das crianças.
13/09 à 23/09	Sala de atividades	Atividades onde as crianças antecipadamente pensem sobre a atividade proposta e organizem o espaço para a execução da mesma, levando em consideração a forma mais agradável a elas. <ul style="list-style-type: none"> • leitura de história pela professora; • leitura de histórias pelas crianças; • atividade de pintura coletiva; • atividade de pintura individual; • brincadeira com lego; • brincadeira com brinquedos; • brincadeira com sucata; • atividade de folha individual; • jogos com registro coletivo em pequenos grupos; • jogos com registro individual; 	Fotografias da atual e da nova organização. Registros escritos da pesquisadora sobre as estratégias utilizadas para a proposta e de suas falas.

2.3. Implementação e Observação

Para iniciar com a proposta de observação de como as crianças interagem com o espaço físico da sala de aula, compreender inicialmente que essa construção vem de muitas histórias vividas naquele espaço e o significado disso, tornou-se importantíssimo para a pesquisa. A turma já tem o espaço da sala de aula como referência, laços de amizade já foram formados e dentro de todo esse contexto criou-se uma identidade.

2.4. Avaliação

Analisando como poderia começar com as observações, pensei: Que espaço é esse? Que lugar é esse que contribuiu tanto para a formação da identidade de um grupo de crianças na UMEI Heliópolis? As crianças como protagonistas dessa história, poderiam me responder. A percepção do espaço da sala de aula foi a primeira intervenção com a turma. Como já citado anteriormente, os móveis dispostos na sala são muitos e ocupam quase todo o espaço. Uma apropriação por parte das crianças dessa disposição do mobiliário da sala poderia contribuir com a pesquisa.

3. CONCLUSÃO

Pensar a educação de crianças pequenas é pensar nas diversas possibilidades existentes nessa ação de educar. Reconhecer as especificidades da Educação Infantil é respeitar a criança atendida e valorizar o que para ela é considerado a partir de estudos já publicados, tanto na área da psicologia quanto da educação, o melhor para seu pleno desenvolvimento global. Portanto pensar no desenvolvimento infantil é também reconhecer o espaço destinado às crianças como importante aliado nesse processo. A pesquisa com uma turma de 4 (quatro) anos de idade da UMEI Heliópolis, possibilitou a percepção da interação das crianças com o espaço.

O que podemos imaginar como espaço? Mais precisamente, o que podemos considerar como o espaço da Educação Infantil? A sala de aula? O pátio? Talvez, inicialmente, as observações se resumiriam apenas em um lugar onde pudéssemos abrigar crianças com conforto e segurança para a realização de tarefas pedagógicas.

Ao observar durante os anos de docência e mais precisamente os dias em que destinei uma observação mais pontual sobre o tema proposto, pude concluir que, esse espaço da Educação Infantil, vai muito além do que um lugar onde crianças pequenas permanecem durante algumas horas do dia realizando atividades pedagógicas.

O espaço aqui analisado é povoado por móveis, objetos, materiais, pessoas, convivência, amizades, histórias, significados... Cada objeto ali disposto está ali por intermédio de alguém que por um motivo qualquer preferiu deixá-lo naquele lugar, daquele jeito.

Essa(s) disposição(ões) escolhida previamente por alguém tem uma história, um significado e faz com que esse espaço não se resume mais em apenas um lugar de abrigo ou depósito de coisas, mas sim em um lugar de vida. Zabalza cita em sua obra, uma importante definição de Espaço para criança, dita pelo professor Enrico Battini da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Turim: “Para a criança, o

espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço” (p.231).

A sala da turma observada está impregnada de vida. Caso alguém que não conheça as pessoas que ali “vivem”, se prontifique em fazer uma leitura do espaço, com certeza conseguirá dizer muito sobre elas, crianças e também educadora. Segundo Horn, “O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica” (2004,p.15).

Durante a realização do projeto de intervenção nos dias em que as crianças eram observadas percebi que os espaços da escola, a sala de aula, um objeto, um “canto” para eles eram uma descoberta diária. Muitas vezes aquele objeto sempre esteve ali, o canto sempre esteve ali, mas a função dada a eles era diferente, e por isso se tornava novo com todo o encantamento que o novo traz. O tapete da sala tornou-se um bom exemplo. O tapete constantemente fica em um canto da sala, por motivo de falta de espaço algumas vezes é necessário retirá-lo para que as crianças tenham mais espaço para circular.

Noutros dias ao observar quando o tapete estava a disposição da turma, pude perceber que ali poderia ser um cantinho para brincar de bonecas, um lugar para deitar e descansar, um jogo de letras (o tapete é decorado com letras do alfabeto), e na atividade do desafio do dia tornou-se um espaço ideal para que todos pudessem ouvir história juntos.

A brincadeira com o objeto ou espaço vai muito além da função pré-determinada a eles, torna-se uma brincadeira a partir do significado dado a ela. Na sala não há uma divisão em “cantos”, citado como tão importante nas pesquisas sobre a organização do espaço na Educação Infantil. Mesmo assim, a dificuldade do

tamanho do espaço destinado às pessoas e mobiliário, não impediram que as crianças pudessem criar seus “cantos”.

Foi durante as observações que pude perceber que os “cantos” são práticas naturais das crianças. Em qualquer brincadeira criada por elas o “canto” estará presente como estratégia do brincar, do aprender.

É importante ressaltar que a rigidez da estratégia criada pelo ensino fundamental, com cadeiras enfileiradas pode ser vista também em turmas de Educação Infantil com a estratégia dos “cantos”. Isso porque, quando nos preocupamos em criar pequenos espaços dentro de um maior com funções pré-determinadas, como cantinho da casinha, cantinho dos livros, cantinho dos jogos... corremos o risco de engessar o espaço da criança, impossibilitando-as de perceber, imaginar, criar, experimentar. A criança precisa constantemente ser estimulada no seu imaginário, a viver o espaço. Quando estimuladas vivenciam o espaço e potencializam sua autonomia.

As crianças estão se apropriando do mundo e o fazem através da leitura desse espaço de convivência destinado a elas. Essa leitura vai muito além de observar o que acontece a sua volta, há uma interação, uma ação no espaço que através das experiências vividas, permite modificá-lo e como consequência possibilita aprendizagens.

Os desafios propostos em que as crianças deveriam se organizar de formas diferentes do habitual, possibilitaram essa leitura para as mesmas. Perceber que o espaço poderia contribuir para que desejos pudessem acontecer, foi muito importante para todos, crianças e educadora.

Ao descobrirem lugares para se esconderem na sala as crianças aprendiam. Qual lugar dá pra se esconder? O lugar escolhido me cabe? No lugar escolhido fico realmente invisível? Existe outra possibilidade além dessa para me esconder? Consigo me esconder estando junto de um colega? São questionamentos possivelmente feitos durante a brincadeira que fizeram com que cada um pensasse sobre o desafio e criassem hipóteses e conclusões a cerca dele.

As diversas possibilidades de organização espacial sugeridas pelas crianças durante os desafios permitiram que elas percebessem que o lugar pode ser modificado a partir de uma necessidade pessoal ou do grupo. A ação do sujeito sobre o espaço. Uma criança, após alguns meses da realização da pesquisa, mostrou que a oportunidade de perceber o espaço da sala de aula de forma mais sistematizada, nos “desafios do dia”, contribuiu muito para sua aprendizagem. Ao deparar-se com uma situação onde a organização da sala estava confusa para a realização de uma tarefa, logo se posicionou dizendo que tinha uma ideia para a resolução do problema. Com essa atitude ela provou que percebe o espaço onde está e interage com ele construindo novas aprendizagens.

O espaço da escola torna-se um lugar para estar, um lugar onde pessoas irão se relacionar. A convivência escolar acontece de forma diferente de outras convivências experimentadas onde, são feitas escolhas a partir de algum critério pessoal. Na convivência escolar as pessoas têm a oportunidade de se descobrirem, as afinidades vão se formando durante a convivência e não ao contrário.

Horn, cita em sua obra a visão de Wallon sobre as relações estabelecidas no espaço: “Diferente dos animais, ao nascer, a criança é desprovida de meios que lhe possibilitam agir sobre o mundo que a cerca. Nesse rico processo, a mediação do grupo na relação do indivíduo com o meio estrutura relações com o mundo físico e social. Portanto, em alguma medida, é necessário que a mediação humana se interponha entre o indivíduo e o meio físico, e isso ocorre através das pessoas, dos grupos e de todas as relações culturais.” (2004, p.16)

O espaço da sala de aula e da escola como um todo possibilitou a construção de afinidades para a turma observada. As crianças se conheceram em um determinado dia e a partir daí foram construindo relações de amizade e aprendizado. Durante as observações era possível perceber o quão rica eram as relações entre as crianças. Os diálogos formados eram cheios de informações e muitas vezes advindos de intensos debates. Percebia que em alguns desses debates a presença da professora era considerada como decisiva para sua resolução. Quando se achavam em uma situação onde seus conhecimentos prévios se esgotavam o recurso para a resolução do problema era a fala dita pela professora, que após dar o “veredito”, uma criança sempre saía dizendo: “Não falei!!!”.

Essa realidade vivida pelas crianças e professora, poderia ser analisada previamente como a professora detentora do saber, a pessoa que conhecia sobre todos os assuntos e teria todas as respostas para dar. Mas, diante de uma análise mais de perto de algumas situações e das vivências diárias da turma com a professora, pude concluir que ela é apenas mais um integrante do grupo de convivência na sala de aula e na escola, uma pessoa que na visão das crianças e até mesmo diante da realidade de vivências da mesma, poderia ter um conhecimento maior sobre alguns assuntos.

Ainda Horn, “Em razão disso, o meio assume uma importância significativa, assim como o papel do grupo, podendo-se inferir que os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois, conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos”. (2004, p.16)

O espaço na visão da criança é cheio de novas possibilidades, e para um adulto poderá ser apenas um lugar de estar. O adulto normalmente percebe o espaço quando necessita fazê-lo se transformar em um lugar funcional e/ou bonito, isso até pode nos levar a concluir que ele está percebendo aquele espaço, mas com o mínimo de possibilidades que ele verdadeiramente tem.

A criança, em seu mundo repleto de possibilidades, enxerga esse mesmo espaço como um lugar de aprender, tornando a interação muito mais profunda do que a de um adulto. A turma de 4 (quatro) anos da UMEI Heliópolis, durante esses dias de pesquisa, revelou-se grande perceptora do espaço que frequenta. Ali, elas podem perceber, criar hipóteses, experimentar, transformar, concluir e todas essas possibilidades nas diferentes áreas do conhecimento. A pesquisa possibilitou a comprovação de que aquele espaço diz muito mais do que previamente pensávamos. As crianças e a educadora durante as atividades puderam entender, cada um a seu modo, a real função de estar ali. Um lugar de convivência, histórias e muita aprendizagem. Enfim, o espaço como conhecimento e não como modo de ocupação.

4. REFERÊNCIAS

- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre, Artmed, 1999, 157p.
- ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Artmed, 1998, 229p. 231p.
- HORN, Maria da Graça. S. **Sabores, Cores, Sons, Aromas, a Organização dos Espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2004, 15-20p. 28p. 40p. 85p.
- HANK, Vera Lucia Costa. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. 1996, <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>>.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação, Uma Introdução Metodológica**, 2005, 446 p., <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4.ed., São Paulo, Atlas, 2001. 288p.